

## DESINFODEMIA NO BRASIL: O AVANÇO DE DESINFORMAÇÕES SOBRE CORONAVÍRUS

Girliani Martins da Silva<sup>28</sup> – Universidade de São Paulo (USP)

### Resumo:

Este artigo apresenta o avanço de desinformações sobre o coronavírus no Brasil (desinfodemia) e explica as motivações que fomentam a problemática. O negacionismo científico, as teorias da conspiração e a descredibilização do trabalho da imprensa são alguns dos fatores que têm prejudicado o combate à pandemia no país e o acesso a informações corretas. De acordo com um estudo da Avaaz, 110 milhões de pessoas acreditam em, pelo menos, uma notícia falsa sobre a doença: uma média de 7 a cada 10 brasileiros. O conteúdo desinformativo e as fake news são propagadas, principalmente, em redes sociais como Facebook e Instagram, além do WhatsApp, através de apelo emocional, medo, fanatismo político/ideológico, negacionismo da ciência, má-fé, desconhecimento da realidade, entre outros.

**Palavras-chave:** Desinformação. Fake News. Coronavírus. Negacionismo da ciência. Redes sociais.

### Abstract:

This article presents the advancement of misinformation about the coronavirus in Brazil (disinfomedia) and explains the motivations that foment the problem. Scientific denialism, conspiracy theories and discrediting the work of the press are some of the factors that have hindered the fight against the pandemic in the country and access to correct information. According to an Avaaz study, 110 million people believe in at least one fake new about the disease: an average of 7 out of 10 Brazilians. Uninformative content and fake news are propagated mainly on social networks, as Facebook, Instagram, beyond WhatsApp, through emotional appeal, fear, political/ideological fanaticism, science negationism, bad faith, unfamiliarity of reality and others.

**Keywords:** Misinformation. Fake News. Coronavirus. Science negationism. Social networks.

### Introdução

“O novo coronavírus não causou apenas uma pandemia no mundo, mas o crescimento da desinfodemia” (LEITE, 2020). Foi desta forma que o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, se referiu ao aumento de desinformações sobre a COVID-19 no mundo, em comunicado oficial realizado em 14 de abril de 2020, quase dois meses depois que o Brasil havia confirmado o primeiro caso da doença.

Em outras palavras, desinfodemia, termo cunhado pela ONU (BONTCHEVA; POSETTI, 2020, p. 2), diz respeito à epidemia de informações irreais ou imprecisas sobre o vírus SARS-CoV-2. Tal fato está intrinsecamente relacionado às *fake news*. Segundo a entidade, se não for combatida, a desinformação pode, inclusive, sem exageros, ocasionar na morte de centenas de pessoas. No Brasil, por exemplo, há uma série de desinformações sobre este assunto

---

<sup>28</sup> Mestranda do programa de pós-graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, girliani@usp.br.

que circula em *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram* e outros meios digitais, viralizando com facilidade e ampliando o alcance.

Desde 26 de fevereiro de 2020, quando o Brasil confirmou o primeiro caso de coronavírus (tratava-se de um idoso de 60 anos que havia acabado de chegar à cidade de São Paulo, após uma viagem à Itália), começaram a surgir as primeiras notícias falsas sobre o tema.

A problemática expõe a importância do trabalho jornalístico e a urgência do acesso a informações apuradas com cuidado e profissionalismo, para que isso não resulte em efeitos negativos. A desinformação disseminada em redes sociais e aplicativos de mensagens tem como características o conteúdo envolvente, muitas vezes, dramático, e facilmente assimilado.

Segundo MARTIN-BARBERO (2006, p. 90) “é na linguagem da informação que o novo imaginário encontrará sua matriz discursiva, mas será na linguagem do melodrama que serão geradas as chaves do novo discurso informativo”.

Todavia, para WARDLE (2017, p. 2), antes de falarmos sobre *fake news* isoladamente, é necessário compreendermos que se trata de um ecossistema de informações dividido em três elementos: os diferentes tipos de conteúdo que estão sendo criados e compartilhados, motivações de quem cria esse conteúdo e formas como esse conteúdo está sendo disseminado.

Embora sejam utilizadas como sinônimos, desinformação e *fake news* são conceitos distintos. O primeiro termo, de acordo com BONTCHEVA; POSETTI (2020, p. 7), “é comumente utilizado para se referir a tentativas deliberadas (frequentemente orquestradas) para confundir ou manipular pessoas por meio de transmissão de informações desonestas”.

Para MELLO (2020, p. 20), combater uma notícia falsa hoje é mais difícil, em virtude da velocidade em que ela é difundida, assim, logo que uma é verificada e corrigida, outra a substitui. Desse modo, é essencial compreender as motivações que levam à desinformação, entre elas, estão jornalismo fraco/pobre, paródia, forma de provocação, paixão, partidarismo, lucro, influência política e propaganda (WARDLE, p. 3, 2017).

Já *fake news*, segundo um relatório divulgado pelo *Facebook* e assinado por WEEDON; NULAND; STAMOS (2017, p. 5), é algo muito abrangente e utilizado para se referir a várias coisas: “artigos de notícias que são factualmente incorretos, artigos de opinião, paródias, sarcasmos, boatos, memes, distorções factuais por figuras públicas que são relatadas em notícias corretas, etc”.

Nesse sentido, a plataforma criada por Mark Zuckerberg adota a terminologia para se referir aos seguintes conceitos: “artigos de notícias que parecem ser factuais, mas que contêm

distorções intencionais de fatos com o propósito de provocar paixões, atrair audiência ou enganar”.

Outra definição muito citada em artigos é a de ALLCOTT; GENTZKOW (2017, p. 211), que conceituam *fake news* como “artigos de notícias que são intencionalmente e verificadamente falsos e podem enganar os leitores”. A sociedade, portanto, acaba assimilando tais conteúdos como verdadeiros. Em outras palavras, o resultado de uma “substituição coerente e total da verdade dos fatos por mentiras não é passarem estas a ser aceitas como verdade, e a verdade ser difamada como mentira, porém, um processo de destruição do sentido diante do qual nos orientamos no mundo real” (ARENDRT, 2002, p. 317).

Nesse sentido, este artigo não é sobre *fake news* apenas, mas sua relação com políticas e debates públicos, principalmente, a partir do âmbito federal, contestando a ciência e o jornalismo.

## 1. Teorias da conspiração

Desde que a doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na China, e se alastrou pelo mundo, fazendo com que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarasse estado de pandemia, o presidente dos EUA na época, Donald Trump, afirmou ter evidências de que o vírus havia sido produzido em laboratório chinês (SINGH, 2020), responsabilizando o país asiático pela disseminação.

Paralelamente, naquela época, o serviço de inteligência americano concluiu que o novo coronavírus tinha surgido na China, mas não havia sido fabricado, tampouco manipulado por humanos. A questão envolve desconfiança da ciência (negacionismo) e apresenta ainda um viés político, visto que para o republicano o governo chinês tinha planos de atrapalhar sua reeleição.

Essa teoria da conspiração foi amplamente difundida nos EUA e em outros lugares, e também teve defensores no Brasil, incluindo o deputado federal Eduardo Bolsonaro. Posteriormente, surgiram outras desinformações. A maioria delas está relacionada às estatísticas falsas, sintomas, diagnóstico, tratamento milagroso e repercussão econômica, como a ideia de que a pandemia atrapalha o desenvolvimento de um país, levando em consideração o fato das pessoas terem ficado em casa na quarentena (ZAROCOSTAS, 2020, p. 676).

No primeiro pronunciamento do presidente Bolsonaro sobre o tema, realizado em 24 de março, ele minimizou a gravidade da pandemia, contrariou órgãos de saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), ironizando que se tratava apenas de uma gripezinha, e

criticou as medidas de isolamento e o trabalho da imprensa, a quem atribuiu como propagadora de pavor e pânico na população.

O discurso reverberou entre seus eleitores, tanto que no decorrer dos meses surgiram *fake news* relacionando a doença como algo similar a uma gripe comum e também conteúdo falso sobre formas de curas e prevenção. De acordo com um estudo feito pela Avaaz (2020), através de monitoramento, as principais desinformações acerca da COVID-19 no Brasil foram as seguintes:

- Novo coronavírus foi criado em laboratório secreto na China;
- Tomar grandes doses de vitamina C pode retardar ou até impedir a infecção do novo coronavírus;
- Em apenas um dia, centenas de crianças morreram devido ao coronavírus;
- Prender a respiração por 10 segundos todas as manhãs ajuda a identificar se você está infectado com a COVID-19;
- O novo coronavírus é como qualquer gripe, tem os mesmos sintomas e uma taxa de mortalidade igual ou inferior à gripe comum;
- FDA liberou hidroxicloroquina para todos os pacientes com COVID-19.

O estudo ainda revelou que aproximadamente 110 milhões de pessoas acreditam em, pelo menos, uma notícia falsa sobre a doença: uma média de 7 a cada 10 brasileiros. Os principais canais usados para a propagação são *WhatsApp* e *Facebook*. Todas essas desinformações confrontam o trabalho de profissionais da mídia e de cientistas.

Geralmente, são compartilhadas pelo apelo emocional, medo, fanatismo político/ideológico, má-fé, desconhecimento da realidade, etc. Nesse contexto houve ainda polarização entre aqueles que defendiam o isolamento/quarentena e o grupo favorável ao retorno à normalidade. Ainda sobre esta questão, RIBEIRO (2020), a partir de dados do Monitor do Debate Político no Meio Digital, fez um levantamento que mostrou que municípios (acima de 300 mil eleitores) nos quais Bolsonaro havia vencido no primeiro turno respeitavam menos o distanciamento social.

BENKLER; FARIS; ROBERTS (2018, p. 36) enfatizam que a desinformação em geral reduziu a confiança nos meios de comunicação em uma ampla gama de países e que geralmente o conteúdo é sutilmente mascarado e manipulado para parecer convincente.

Em suma, as informações equivocadas sobre o coronavírus resultam em efeitos graves. Ao disseminar conteúdo falso pode haver superlotação das unidades de saúde, falta de produtos nas prateleiras de supermercados, como aconteceu no início da quarentena, e até mesmo riscos

à saúde, uma vez que houve procura acentuada nas farmácias por hidroxicloroquina, apontada erroneamente como possível tratamento para a doença.

Diante disso, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) decidiu que o medicamento só pode ser vendido com receita médica, para evitar que os pacientes que já o utilizam para tratar lúpus, artrite reumatoide e malária não fiquem sem ele.

A hidroxicloroquina, inclusive, foi o tema central dos pronunciamentos posteriores de Bolsonaro. O fármaco vinha sendo utilizado por alguns países, no entanto, sem comprovação sobre a sua eficácia. Apesar disso, o presidente defendeu o uso, antes mesmo de ministrar o protocolo de testes.

Em abril, ele anunciou a produção da substância. Enquanto o então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, evitava falar sobre o assunto, o chefe de Estado endossava o discurso de eficácia. Após a saída de Mandetta, substituído por Nelson Teich, que passou menos de 30 dias no comando da pasta, o Ministério da Saúde anunciou a liberação do remédio para pacientes leves de coronavírus.

Em contrapartida, a maior pesquisa sobre hidroxicloroquina, publicada em maio pela revista *The Lancet*, anunciou que a droga poderia aumentar o risco de arritmias e mortes (DESAI; MANDEEP; PATEL; RUSCHITZKA, 2020, p. 4). Os testes foram feitos com 96 mil pacientes em 671 hospitais. O estudo motivou a Organização Mundial da Saúde a suspender os testes. A notícia foi amplamente divulgada, no entanto, Bolsonaro criticou o trabalho da organização no combate à pandemia, assim como o da mídia tradicional. A eficácia do remédio ganhou um novo capítulo 10 dias depois, com a revisão do artigo: três dos quatro autores voltaram atrás porque disseram que não conseguiriam mais garantir a veracidade dos dados.

A pedido deles, inclusive, o documento foi retirado da plataforma. As dúvidas em torno do caso fizeram a própria Organização Mundial da Saúde anunciar o retorno de testes, e depois, a encerrar definitivamente os estudos com essa substância.

Enquanto pesquisadores em várias partes do mundo questionam a eficácia e efeitos colaterais, o governo brasileiro não mudou a conduta. Pelo contrário, comprimidos de hidroxicloroquina foram distribuídos até mesmo para pacientes assintomáticos no Sistema Único de Saúde (SUS).

Ainda nesse cenário de desinformações, surgiu uma outra discussão, desta vez, em torno da eficácia da vacina, que se tornou uma disputa política e ideológica entre o governador de São Paulo, João Dória, e o presidente (SHALDERS, 2020).

Na primeira quinzena de junho de 2020, João Dória já havia anunciado uma parceria entre o laboratório chinês, *Sinovac*, e o Instituto Butantan, para o desenvolvimento de um imunizante contra o coronavírus, a *CoronaVac*. Três meses depois, no final de setembro, assinou contrato para 46 milhões de doses da vacina. Em contrapartida, Bolsonaro criticou a decisão e disse em suas *lives* no *Facebook* que o governo brasileiro não comprará a vacina chinesa em razão de não acreditar em sua eficiência e pela sua origem (COLETTA, 2020).

Também anunciou que prefere esperar por imunizantes “mais confiáveis”, e que não obrigará a população a se vacinar. No ambiente digital, bolsonaristas não somente apoiaram esse posicionamento, como também questionaram a eficácia da *CoronaVac* por ela ser chinesa.

O entrave político entre o governador de São Paulo e o presidente não cessou nem mesmo quando a Anvisa aprovou, por unanimidade, o uso emergencial da vacina, e com isso, João Dória iniciou o plano de imunização no estado.

Desde o momento em que a *CoronaVac* ganhou as manchetes de jornais e a *home* de portais de notícias, também tornou-se um assunto popular nas redes sociais e foi alvo de *fake news*. A principal delas destacava que tinha deixado mais de 2 mil mortos na China e um tetraplégico na Inglaterra.

Além desse imunizante, a Anvisa também havia aprovado a *Oxford/AstraZeneca*, desenvolvida entre a Universidade de *Oxford* e a Fiocruz. A demora do governo brasileiro para produzir uma vacina e iniciar o plano de imunização levou o estado de São Paulo e outros governadores a tomarem decisões isoladas sobre este tema. Para completar, o colapso na saúde de Manaus, motivado pelo aumento de casos e a falta de oxigênio hospitalar, aumentou a pressão no governo federal e no Ministério da Saúde.

### 1.1 Negacionismo da ciência

Ao longo da pandemia, Jair Bolsonaro contestou a ciência de várias formas: menosprezou a gravidade da doença, mesmo quando a Organização Mundial da Saúde tinha declarado-a pandemia, contestou a importância do isolamento social e do uso de máscara, e reforçou o uso de hidroxicloroquina e da ivermectina, apesar de ambas não terem qualquer comprovação científica no combate ao coronavírus. Ao ser infectado pelo vírus, não só utilizou o medicamento, como aconselhou a população a fazer o mesmo. Meses depois, recomendou a ivermectina e o tratamento precoce, sendo criticado por órgãos de saúde. Sempre que contesta pesquisas sobre a doença, contrapõe o trabalho de cientistas, e conseqüentemente, colabora para o negacionismo da ciência, instaurando insegurança na população.

O termo ciência deriva do latim *cientia*, cujo significado é "conhecimento" ou "saber". De acordo com CHALMERS (1993, p. 23), diferentemente de outros modos de conhecimento ou pseudociência, a ciência apoia-se em um método considerado seguro que nos permite testá-lo, validá-lo e justificá-lo por meio de pesquisas/estudos, observações e experimentações. Todavia, a ciência não é irrefutável, é falível, pois reconhece sua própria capacidade de errar.

Desse modo, ao questionar comprovações científicas, Bolsonaro desrespeita o trabalho de profissionais e presta, principalmente, um desserviço à população. Desde o início de sua gestão, determinou o contingenciamento de recursos (corte de verbas), que levou ao desmonte da ciência brasileira. Segundo WESTIN (2020), o orçamento para a ciência em 2020 foi de R\$ 3,7 bilhões, exatamente R\$ 2 bilhões a menos que em 2019. “Em 2021, a proposta orçamentária para o Ministério da Ciência e Tecnologia, elaborada pelo Governo Federal e em análise no Congresso Nacional, será de R\$ 2,7 bilhões”.

## 2. Descredibilização jornalística

Quanto mais se produz desinformação, mais necessário é o trabalho de apuração dos jornalistas. A era das *fake news* contrapõe a veracidade dos fatos e descredibiliza a função desses profissionais na sociedade. Embora não haja um consenso na literatura acadêmica sobre a definição oficial de *fake news*, o termo ganhou visibilidade nas eleições americanas de 2016, entre o republicano Donald Trump e a democrata Hillary Clinton. Para muitos, as notícias falsas, inclusive, teriam auxiliado Trump a chegar à presidência.

Nem sempre quem curte ou compartilha desinformações nas redes sociais age de forma intencional. Muitas vezes, as desinformações são disseminadas pelas pessoas sem verificar. Ainda de acordo com MELLO (2020, p. 21), o excesso de desinformações, muitas vezes, é fomentado pela mídia hiperpartidária, isto é, portais ou páginas no *Facebook* e perfis no *Instagram* que reiteram o posicionamento do governo.

Para RECUERO; SOARES; ZAGO (2021, p. 6), veículos hiperpartidários podem ser entendidos como “mídias geralmente digitais que se engajam em discussões políticas por meio da produção de conteúdo que não tem compromisso com as normas éticas do jornalismo, utilizando, frequentemente, informações falsas ou manipuladas com objetivos políticos”.

Em contrapartida, a mídia tradicional e/ou independente pode ser entendida por jornais, sites, canais de tv, emissoras de rádio, etc. que “não deixam de investigar um político só porque ele está no governo e não se curvam a pressões para veicular apenas notícias positivas que se encaixam na narrativa desejada pelo governante da vez” (MELLO, 2020, p. 168).

A produção de notícias, feita pela mídia tradicional, tem todo um aparato jornalístico, isto é, baseia-se na checagem e apuração dos fatos. Enquanto, a mídia alternativa não dispõe, na maioria dos casos, desses recursos, e se retroalimenta de estratégias discursivas que validam as opiniões de Bolsonaro. Para CHARAUDEAU (2013, p. 38), essa abordagem está de acordo com determinadas normas e pode influenciar a população:

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas. (CHARAUDEAU, 2013, p. 39).

### 2.1 Câmaras de eco

Conforme ressaltou o último relatório da *Pan-American Health Organization* (PAHO - 2020), é urgente que haja a interrupção da desinfodemia, uma vez que “a desinformação se expande no mesmo ritmo que a produção de conteúdo, e as vias de distribuição se multiplicam”. Com a expansão do problema, torna-se mais difícil contrapô-lo, uma vez que assim que uma notícia falsa perde força, é rapidamente substituída por outra, o que dificulta o combate à desinformação e à divulgação de notícias corretas sobre a pandemia. Nas redes sociais, isso é reforçado por meio de câmaras de eco ou filtro bolha, isto é, quando os algoritmos mostram posts e informações aos usuários que reforçam as suas crenças dentro de um grupo, isolando-os de perspectivas contrárias (PARISER, 2012, p.72).

### Considerações finais

A disseminação de *fake news* é retrato de uma sociedade globalizada e interconectada. Para BAUMAN (1999, p.35), ao mesmo tempo em que as redes digitais permitiram que as pessoas se sentissem livres e à vontade para expor opiniões, também deram espaço para que elas compartilhassem conteúdo sem verificar a fonte, contestassem dados científicos e fortalecessem a rede de desinformações.

Atualmente, o Brasil está entre os países com o maior número de casos e mortes por coronavírus no mundo. Porém, a gravidade da situação não impede que o presidente Bolsonaro ridicularize a doença, seja por meio do negacionismo da ciência, omissão de dados do Ministério da Saúde, atraso no plano de vacinação ou desqualificação do trabalho da imprensa.

A desinfodemia dificulta o acesso às informações verdadeiras. O consumo de desinformação acontece, muitas vezes, sem questionamento crítico. Resumidamente, as pessoas

somente leem aquilo superficialmente e compartilham, sem qualquer filtro de checagem ou responsabilidade. Quando o presidente e seus apoiadores refutam a ciência e questionam a veracidade das notícias publicadas nos principais meios de comunicação, prestam um desserviço à população. Além de questionarem, criam narrativas falsas e teorias conspiratórias, algo que pode gerar insegurança e o caos.

Outro ponto que merece atenção é que Bolsonaro orienta que seus eleitores e apoiadores rechacem profissionais de veículos da imprensa tradicional e acompanhem apenas sites e páginas consideradas hiperpartidárias, representando uma ameaça à democracia (CESARINO, 2020, p. 107).

No *Instagram* e *Facebook*, por exemplo, ainda não há políticas consistentes para coibir a disseminação de informações falsas sobre o coronavírus ou qualquer outro assunto. A rede social anunciou apenas que para tentar reduzir o problema emitirá alertas e notificações aos usuários que interagirem com conteúdo marcado como falso. Há algum tempo a plataforma exibe marcações visuais em postagens comprovadamente falsas, iniciativa também adotada pelo *Twitter*.

As denúncias podem ser feitas por usuários e também por organizações de checagem de fatos, como as Agências Lupa e Pública. Entretanto, nem sempre as denúncias são aceitas e o *post* sinalizado como falso (marcação visual). Em plena pandemia, a discussão sobre *fake news* no Brasil ganhou outro desdobramento com a criação do PL 2630/2020. Após alterações no texto original, o projeto foi aprovado pelo Senado e aguarda votação na Câmara dos Deputados. O projeto de lei versa sobre o combate às notícias falsas em redes sociais e serviços de mensagens, como *WhatsApp*. Entre as medidas, estão proibição de disparos em massa e uso de robôs, o cadastramento de chips pré-pagos, etc. Ao levarmos em consideração que uma parcela significativa de brasileiros acredita e dissemina *fake news* sobre coronavírus com facilidade, a ação ainda não é suficiente para sanar o excesso de desinformações em nosso país.

## Referências

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. *Journal of Economic Perspectives*, 2017. Disponível em: <<https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

ARENDDT, Hannah. *Verdade e política*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

AVAAZ. O Brasil está sofrendo uma infodemia de COVID-19. *Avaaz Org*, 2020. Disponível em: <[https://avaazimages.avaaz.org/brasil\\_infodemia\\_coronavirus.pdf](https://avaazimages.avaaz.org/brasil_infodemia_coronavirus.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2020.

BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BENKLER, Y., FARRIS R., e ROBERTS, H. *Network Propaganda: Manipulation, Disinformation and Radicalization in American Politics*. Oxford: Oxford University Press, cap. 1 a 3, 2018.

BONTCHEVA, Kalina., POSETTI, Julie. Desinfodemia: Decifrar a desinformação sobre a COVID-19. *Unesco*, v. 1, n. 1, 2020.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, v. 1, n. 1, 2020.

CHALMERS, Alan F. *O que é ciência afinal?* Tradução: Raul Filker. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução: Angela M. S. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

COLETTA, Ricardo Della. Não acredito que vacina chinesa transmita segurança pela sua origem, diz Bolsonaro. *Folha de S. Paulo*, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/10/nao-acredito-que-vacina-chinesa-transmita-seguranca-pela-sua-origem-diz-bolsonaro>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

DESAI, Sapan S; MANDEEP R. Mehra; PATEL, Amit N RUSCHITZKA, Frank. Hydroxychloroquine or chloroquine with or without a macrolide for treatment of Covid-19: a multinational registry analysis. *The Lancet*, 2020. Disponível em: <<https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2820%2931180-6>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

LEITE, Hellen. Pandemia de fake news. *Correio Braziliense*, 2020. Disponível em: <[https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/05/05/interna\\_mundo,851477/pandemia-de-fake-news-estudo-lista-principais-boatos-sobre-covid-19.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/05/05/interna_mundo,851477/pandemia-de-fake-news-estudo-lista-principais-boatos-sobre-covid-19.shtml)>. Acesso em: 01 jul. 2020.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MELLO, Patrícia Campos. *Máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PAHO. Entenda a infodemia e a luta contra a COVID-19. *Pan-American Health Organization*, 2020. Disponível em: <[https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf?sequence=14&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14&isAllowed=y)>. Acesso em: 01 jul. 2020.

PARISER, E. *O Filtro invisível: O que a internet está escondendo de você*. 1ª ed. Brasil: Zahar, 2012.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre COVID-19 no Twitter. *Contracampo*, Niterói, v. 40, n. 1, jan./abr. 2021.

RIBEIRO, Márcio Moretto. *Eleitores e apoiadores de Bolsonaro respeitam menos o distanciamento social*. Monitor do Debate Político no Meio Digital, 2020.

SHALDERS, André. Como disputa entre Bolsonaro e Doria pode atrasar vacina contra Covid-19. *BBC*, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54639750>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

SINGH, Maanvi. Trump claims to have evidence coronavirus started in Chinese lab but offers no details. *The Guardian*, 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2020/apr/30/donald-trump-coronavirus-chinese-lab-claim>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

WARDLE, Claire. Fake news. It's complicated. *Medium*, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/1st-draft/fake-news-its-complicated-d0f773766c79>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

WEEDON, Jen; NULAND, William; STAMOS, Alex. Information Operations. *Facebook*, 2017. Disponível em: <<https://about.fb.com/news/2017/09/information-operations-update/>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

WESTIN, Ricardo. Corte de verbas da ciência prejudica reação à pandemia e desenvolvimento do país. *Agência Senado*, 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/09/corte-de-verbas-da-ciencia-prejudica-reacao-a-pandemia-e-desenvolvimento-do-pais>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

ZAROCOSTAS, John. How to fight an infodemic. *The Lancet*, v. 395, n. 10225, p. 676, 2020.